



Laplage em Revista  
ISSN: 2446-6220  
geplageufscar@gmail.com  
Universidade Federal de São Carlos  
Brasil

## Trabalho e adoecimento do professor da educação básica no interior da Bahia

**Eugênio, Benedito; Souza, Raquel; Di Lauro, Angela Dias**

Trabalho e adoecimento do professor da educação básica no interior da Bahia

Laplage em Revista, vol. 3, núm. 2, 2017

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

**Disponível em:** <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552756522016>

**DOI:** <https://doi.org/10.24115/S2446-6220201732325p.179-194>

Atribuição não comercial internacional. Direitos de compartilhar igual e dar crédito aos autores e periódico.



Este trabalho está sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

## Trabalho e adoecimento do professor da educação básica no interior da Bahia

Work and sickness of basic education teachers in the countryside of Bahia

Trabajo y enfermedad del profesor de la educación básica en Bahía

*Benedito Eugênio*

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB,*

*Brasil*

beneditoeugenio@bol.com.br

DOI: [https://doi.org/10.24115/](https://doi.org/10.24115/S2446-6220201732325p.179-194)

S2446-6220201732325p.179-194

Redalyc: [https://www.redalyc.org/articulo.oa?](https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552756522016)

id=552756522016

*Raquel Souza*

*Universidade Federal da Bahia – UFBA, Brasil*

raquelsouzas@hotmail.com

*Angela Dias Di Lauro*

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB,*

*Brasil*

angeladilauro@hotmail.com

Recepção: 10 Maio 2017

Aprovação: 10 Junho 2017

### RESUMO:

O artigo apresenta os resultados de pesquisa exploratória acerca da saúde e do adoecimento docente em um município do interior do Estado da Bahia. Para a realização desta pesquisa optamos pela abordagem qualitativa de investigação, buscando assim uma maior compreensão do processo de adoecimento desses profissionais. Foram aplicados questionários e realizadas entrevistas para a construção dos dados. O estudo evidencia que a saúde do professor está comprometida, problemas de ordem física (bursites, tendinites, problemas da voz, problemas de pressão) e emocional (estresse, angústia, desânimo, apatia, impaciência, entre outros, que caracterizam o mal-estar docente) sendo que os últimos são os que mais acometem esses profissionais. Constatamos também que muitos professores, embora estejam doentes, continuam atuando em sala de aula e que abandonar a profissão é um desejo latente nesses profissionais que atuam em ambiente competitivo e estressante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saúde, Adoecimento docente, Condições de trabalho.

### ABSTRACT:

The article presents the results of an exploratory research about health and illness of teachers in a municipality in the state of Bahia. For the accomplishment of this research we opted for the qualitative approach of investigation, thus seeking a broader understanding of these professionals illness process. Questionnaires were applied and interviews were carried out to construct the data. The study shows that the health of the teacher is impaired, physical problems (bursitis, tendinitis, voice problems, pressure problems) and emotional problems (stress, distress, discouragement, apathy, impatience, among others, that characterize the teaching malaise) are the ones that most affect these professionals. We also note that many teachers, although ill, are still working in the classroom, and that leaving the profession is a latent desire in these professionals who work in a competitive and stressful environment.

**KEYWORDS:** Health, Teaching sickness, Work conditions.

### RESUMEN:

Este artículo presenta los resultados de una investigación exploratoria sobre la salud y la enfermedad de los profesores en un municipio en el estado de Bahía. Para esta investigación se optó por el enfoque de la investigación cualitativa, buscando así una mayor comprensión del proceso de la enfermedad en estos profesionales. Se aplicaron cuestionarios y se realizaron entrevistas para la colecta de los datos. El estudio muestra que la salud de los maestros está comprometida, problemas físicos (bursitis, tendinitis, problemas de voz, problemas de presión) y emocionales (estrés, ansiedad, depresión, apatía, impaciencia, entre otros, que caracterizan el malestar docente) siendo que los últimos son los que más afectan a estos profesionales. También se observa que

muchos profesores, a pesar de que están enfermos, siguen trabajando y que abandonar la profesión es un deseo latente en aquellos profesionales que trabajan en el entorno competitivo y estresante.

PALABRAS CLAVE: Salud, Enfermedad enseñanza, Condiciones de trabajo.

## INTRODUÇÃO

O interesse na saúde do professor, como objeto de investigação, tem adquirido importância no campo das Ciências Humanas e/ou da Saúde Coletiva, conforme Assunção; Oliveira (2009), Cruz et al (2010), Souza; Leite (2011), Gasparini; Barreto; Assunção (2005), Vianello Assunção; Gama (2008), Bastos (2009), Campos (2009), Carlotto; Pizzinato (2013), dentre outros. A “saúde do professor” é um fenômeno novo na medida em que só é possível apreendê-lo por abordagens embasadas nas diferentes realidades sociais e de saúde na contemporaneidade, ou seja, por meio de enfoques teórico-metodológicos que levem em consideração a interdisciplinaridade. As pesquisas iniciais, que delineiam esse fenômeno, têm apontado que a saúde do trabalhador docente é cada vez mais debilitada em razão de situações de vida associadas a motivos variados de saúde, do cansaço físico de ficar em pé por várias horas ministrando aula, no uso excessivo da fala, até mesmo problemas emocionais resultante das inúmeras às insatisfações cotidianas no exercício efetivo da profissão, o processo de desvalorização da categoria docente, ausência de infraestrutura de trabalho de qualidade, o baixo ganho de remuneração e os problemas familiares, entre outros.

Frente às questões elencadas inicialmente na literatura científica, acresce-se a falta de tempo para o lazer e da convivência familiar, ocasionada pelo excesso de trabalho que extrapola a jornada estabelecida formalmente, isso porque pela necessidade de complementar a renda, os professores crescem horas de trabalho adicional, de modo que não é possível definir o que seja uma “jornada de trabalho típica” na função docente e de ganho remuneratório. A jornada de trabalho, por vezes, é aumentada de trabalhos remuneratórios em outras atividades tais como vendedor de produtos de higiene, roupas íntimas e cosméticos. Essas atividades múltiplas contribuem para o mal-estar docente, desencadeando problemas de saúde, tais como: dores no corpo, estresse, depressão, problemas respiratórios, perda de voz, diversos problemas psicossomáticos, entre outros, ocasionados pelo excesso de trabalho.

Há um sentimento de impotência presente no exercício do trabalho docente pelo fato de que a materialidade do “resultado” do trabalho docente é virtualmente possibilitada pelo fracasso ou sucesso de seus alunos. Esse resultado se articula a variados elementos que não estão sob o controle do professor, da instituição da qual ele faz parte, ou instituições de alcance mais amplo. Compreender o papel do professor e sua inserção na sociedade e na comunidade de que faz parte é fundamental para o entendimento do “sofrimento” que acomete o professor como um fenômeno complexo.

Sanches e Gama (2016) constaram em produções acadêmicas brasileiras recentes esse fenômeno do “sofrimento do professor”. Para isso, as autoras recorreram a duas bases de dados: Portal de Periódicos da Capes e a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Por essa via foram identificados 30 trabalhos, dentre eles 9(nove) foram selecionados em diferentes formatos: 01 teses, 01 dissertações, 02 artigos e 05 trabalhos completos apresentados nas reuniões da ANPEd.

Na análise dos trabalhos Sanches e Gama (2016) apontam que o aumento na intensidade do trabalho é um indicador de que o trabalho docente na contemporaneidade impacta diretamente a saúde docente. Pesquisa realizada pelo IPEA (2016) identificou que a diminuição da jornada de trabalho necessariamente não implica no uso do “tempo livre” para lazer e outras atividades que poderiam propiciar uma melhor qualidade de vida e/ou mudança no curso de vida pessoal e profissional. Para Sanches e Gama (2016) “a literatura tem destacado que ao pressionar o contexto escolar, a da pós-modernidade amplia o papel do professor que é impelido a assumir novas tarefas e desafios. As inovações contribuem para a intensificação do trabalho do professor, gerando sobrecarga e incerteza diante dos propósitos anteriores” (SANCHES; GAMA, 2016, p. 15).

Neste artigo apresentamos os resultados de uma investigação qualitativa do tipo exploratória, realizada com docentes de um município do interior do Estado da Bahia acerca do processo de adoecimento do professor.

## MÉTODO

A investigação, cujos resultados são aqui apresentados, foi realizada por meio de pesquisa do tipo qualitativa, tendo como sujeitos docentes da educação básica de um município localizado na região sudoeste do Estado da Bahia. Buscamos obter maior compreensão do processo de adoecimento dessas professoras por meio do diálogo direto. É importante ressaltar que conforme Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa desenvolve-se em ambiente natural, tendo o pesquisador como seu principal instrumento. Nesse tipo de pesquisa a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, em que as abstrações são construídas na medida em que os dados são agrupados. A investigação qualitativa é descritiva e focaliza as situações de forma minuciosa. A preocupação com o processo é mais relevante do que os resultados ou produtos.

O foco de interesse está no relato dos sujeitos e no modo como as diferentes pessoas buscam significados e sentidos para suas vidas. Além disso, são descritas realidades múltiplas e busca-se estabelecer uma relação de empatia, igualdade e confiança entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa. A pesquisa aqui apresentada é qualitativa do tipo exploratório. Dois instrumentos foram empregados para a construção dos dados: o questionário e as entrevistas. O questionário foi aplicado a 53 professores que atuam nas escolas localizadas na sede do município. Também foram realizadas entrevistas em profundidade com cinco docentes. São os dados dessas entrevistadas que discutimos no presente artigo.

Para início do campo e coleta de dados foi solicitado à Coordenação Geral de Educação do Município a autorização para o desenvolvimento da pesquisa. Após o aceite da pesquisa por parte das diretoras e coordenadoras das escolas municipais iniciamos os trabalhos. Todas as entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade dos nossos interlocutores. Um ponto de partida para a pesquisa foi obtido por meio da aplicação de um questionário direcionado aos interlocutores que atuam na direção e na coordenação das escolas participantes da pesquisa. O objetivo era direcionar o olhar para ambientes em que havia relatos de adoecimento por parte dos professores. Após essa etapa, cinco professoras se manifestaram concordaram participar da pesquisa. Em comum todas haviam se afastado do trabalho nos últimos anos por motivo de saúde. As entrevistas, parte fundamental deste trabalho, permitiram o conhecimento do processo de adoecimento das professoras, trabalhadoras ativas das instituições de ensino.

Durante a realização da entrevista procuramos desenvolver e praticar a capacidade de escuta qualificada e de estimular o fluxo espontâneo e natural das informações, buscando respeitar os limites e intenção de sentido empregado no discurso das interlocutoras. Também garantimos ao longo da execução das entrevistas, um clima de confiança para que cada professora se sentisse à vontade para expressar-se (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.35). O roteiro da entrevista semiestruturada foi elaborado com base nas informações obtidas com a aplicação dos questionários e na observação e leitura de outros trabalhos sobre o tema. É importante lembrar que a entrevista semiestruturada é aquela que:

[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Dessa forma, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p.146)

Todas as professoras permitiram a gravação das entrevistas. Foi acordado com elas o emprego de um pseudônimo, com o intuito de preservar sua integridade pessoal e identidades. As entrevistas aconteceram na casa das docentes ou na residência de uma das pesquisadoras. O tempo de duração variou bastante.

Inicialmente as professoras entrevistadas mostraram-se preocupadas com o tema a ser abordado, mas foram sempre receptivas. Ao longo da entrevista um clima de confiança foi se estabelecendo e as professoras ficaram à vontade para falar sobre os seus problemas de saúde e até mesmo dos problemas de relacionamento nas escolas onde atuam.

TABELA 1  
Identificação das professoras pesquisadas

| Características das professoras entrevistadas |                              |                  |                     |                        |                        |
|---|------------------------------|------------------|---------------------|------------------------|------------------------|
| Pseudônimo da Entrevistada                    | Escolaridade                 | Tempo de serviço | Jornada de Trabalho | Rede de Ensino         | Turno em que lecionam  |
| <b>Acácia</b>                                 | Ensino médio – Magistério    | 29 anos          | 40 h                | Municipal              | Matutino<br>Vespertino |
| <b>Dália</b>                                  | Especialização<br>Latu-Sensu | 19 anos          | 40 h                | Municipal/<br>Estadual | Matutino<br>Vespertino |
| <b>Gardênia</b>                               | Especialização<br>Latu-Sensu | 26 anos          | 40 h                | Municipal              | Matutino<br>Vespertino |
| <b>Rosa</b>                                   | Especialização<br>Latu-Sensu | 18 anos          | 40 h                | Municipal              | Matutino<br>Vespertino |
| <b>Violeta</b>                                | Graduação                    | 24 anos          | 40 h                | Municipal              | Matutino<br>Vespertino |

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores

A pesquisa segue os princípios éticos estabelecidos na Resolução 466/12, tendo sido submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da FAINOR e aprovada sob o número CAAE 28005514.1.0000.5578.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O trabalho docente vem se constituindo como importante objeto de investigações para muitos pesquisadores, conforme podemos observar nos anais de eventos dedicados à temática, como o Encontro Luso-Brasileiro sobre trabalho docente e formação (já em sua 3ª, edição) e o Seminário Internacional da Red Estrado (11ª. edição e conta com um GT sobre saúde do professor). As políticas educacionais implementadas nos últimos anos, particularmente a partir dos anos 1990, impactaram diretamente o trabalho docente. Novas exigências passaram a fazer parte do cotidiano do professor e questões como bonificação, ranking, accountability entraram definitivamente no vocabulário do chamado Estado avaliador.

De acordo com Silva (2016, p.511), “No contexto educacional, o Estado assume como uma de suas principais incumbências a avaliação da qualidade da educação. A partir de então, as iniciativas de avaliação em larga escala passam a ser compreendidas como mecanismo privilegiado para a aferição e a promoção da qualidade da educação”.

Todas essas características da política educacional, ocorridas num processo de reforma do Estado, paradoxalmente, segundo Assunção e Oliveira (2009), procuraram mesclar a noção de justiça social aos princípios da eficácia, com consequências para o processo de trabalho docente. Os dados obtidos permitiram a construção de quatro categorias empíricas para análise. Em comum, as professoras se referem ao cansaço, fruto da exaustiva jornada de trabalho a que estão submetidas. Todas trabalham quarenta horas semanais como docentes, além de exercerem suas funções como esposa, mãe e donas de casa; afirmam que para conseguir conciliar a rotina de professora com a vida pessoal é preciso uma perfeita organização do seu tempo.

## FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O ADOECIMENTO

Nos dias atuais o professor precisa realizar uma série de atividades que extrapolam a mediação do conhecimento do aluno. Tal situação tem contribuído para a intensificação do processo de “mal-estar docente” definida por Esteve (1999, p.97) como “[...] um conceito da literatura pedagógica que pretende resumir o conjunto de reações dos professores como grupo profissional desajustado devido à mudança social”. Esse mesmo autor afirma ainda que:

A expressão mal-estar docente (*malaise enseignant*, *teacher burnout*) emprega-se para descrever os efeitos permanentes, de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência, devido à mudança social acelerada. (ESTEVE, 1999, p. 98).

Durante as conversas as professoras remetiam a explicações que contribuem para o comprometimento de sua saúde física e mental, causando-lhes diversas doenças. Algumas professoras afirmaram que o seu processo de adoecimento teve início logo após o ingresso na carreira docente. Outras afirmaram que embora já estivessem acometidas pelo problema de saúde, o trabalho em sala de aula contribuiu para agravá-lo ou para o surgimento de novas enfermidades. Para as entrevistadas, as condições de trabalho interferem diretamente no seu estado de saúde.

Nunca tive dificuldades para dormir e de repente comecei a acordar no meio da noite. Não conseguia voltar a dormir pensando nos alunos, na escola. Meu estado emocional estava fragilizado. Às vezes tinha vontade de sair correndo da sala onde estava dando aula. Quando não tinha aula eu dava graças a Deus. (Violeta)

Para Gardênia, professora do ensino fundamental i, a grande quantidade de alunos nas salas e a ausência de recursos na escola obrigam o professor a fazer um uso abusivo de voz.

Hoje em dia, eu mesmo na minha sala de aula tenho 35 alunos e 36 alunos. (...) E na escola onde eu trabalho não tem nenhum recurso para dar aula. Não tem uma televisão, não tem um DVD. Quando a gente quer passar um filme para poder acrescentar alguma coisa na aula eu tenho que levar o meu aparelho de casa, a coordenadora tem que levar o dela. E eu não vou ficar pegando o meu aparelho de casa pra poder ficar levando sempre pra escola, porque nem sempre eu posso levar. Então é assim: é no grito mesmo. Ou você fala, fala, fala, fala ou você não dá aula. Então isso acaba prejudicando muito. (Gardênia)

A dinâmica escolar, conforme vem se apresentando, tem afetado diretamente a execução da atividade docente, proporcionando um movimento de tensões em sua prática cotidiana. Quando aliado a outros fatores, esse quadro se agrava contribuindo para o processo de sofrimento e adoecimento dos professores. Vários são os fatores apresentados que, segundo as entrevistadas, têm contribuído para o seu adoecimento: a sobrecarga de trabalho; a desvalorização do profissional docente; ausência de recursos didáticos; a indisciplina e a falta de comprometimento dos alunos; superlotação de alunos nas salas de aula, entre outros. Um dos fatores citados por todas as professoras entrevistadas foi a sobrecarga de trabalho. Elas afirmam que o trabalho docente não se limita apenas à sala de aula, envolve um conjunto de tarefas que são realizadas paralelamente a essa atividade. Tal situação tem gerado uma tensão constante e certa “revolta” por parte das professoras.

Olha... A questão de na área de exatas você escrever muito e as salas serem de muitos alunos... 35, 40 alunos, aí, quer dizer, quantas provas você corrige por unidade? Você senta, vai corrigir e isso tudo atrapalha na minha opinião. (...) Hoje é com pincel e é mais leve pra gente escrever, mas a questão da turma mesmo, da quantidade de alunos... Isso eu acho que é prejudicial e não melhorou em nenhuma das duas escolas. (Dália)

A gente prepara as atividades em casa porque, na escola, o tempo que nós temos disponível é curto. Às vezes não dá nem para definir o que será trabalhado nos dias seguintes. Então é trabalho em casa, trabalho na escola e ainda trabalho de direção, como preencher cadernetas e boletins. Isso é sufocante. Você fica sem tempo para cuidar de si. (Violeta)

No que tange a essa variedade de atividades desenvolvidas pelas docentes, Esteve (1999, p.154) chama atenção para o fato de que:



[...] a complexidade da tarefa que o professor assume e a considerável fragmentação de sua atividade, produzida, em boa parte, pelo aumento das expectativas projetadas sobre eles, (...) propicia que o acúmulo de tensão dirija-se ao desenvolvimento de uma ansiedade perturbadora.

Parte das professoras afirmou que, embora disponham de um horário vago na escola para realizar planejar as suas aulas, o tempo disponibilizado não é suficiente para darem conta de tudo, sendo necessário levar os trabalhos para serem desenvolvidos em casa. Tal situação acaba trazendo certa angústia, pois esta ação se traduz em mais um turno de trabalho, mesmo estando fora da escola. Para Dália, o fato de ser mulher, dificulta ainda mais sua vida profissional e pessoal, pois:

Professor trabalha sábado, domingo, segunda, feriado, que dizer não tem hora para você trabalhar é elaborando prova, é corrigindo. Então tudo isso é uma carga maior. Eu procuro, ao máximo, fazer dentro da escola, no AC. Eu adoro o AC. (...) o AC é pra isso, é pra você fazer a preparação da aula. Eu faço de tudo sentado no AC, porque quando eu chego na minha casa é mais complicado. (...) Que você casada não pode deixar seu cônjuge de lado. Eu falo que tem semana que eu durmo com meu marido na mesma cama, só. Eu não o vejo dentro de casa para sentar e bater papo, porque quando eu entro, eu já entro dentro de casa com tudo isso, as meninas me chamam o tempo todo, tumultua. Ai eu gosto do AC porque eu gosto de fazer os trabalhos na escola. Agora prova não consigo corrigir lá. Eu preparo aula, eu preparo prova, mas prova em si pra corrigir é muito difícil. No AC também você tem que parar para conversar com o seu colega, trocar alguma ideia, então por mais que a gente queira nunca dá tempo. Correção de prova é em casa mesmo e ai eu tenho que expulsar metade do povo La de casa para poder fazer isso, senão eles não me deixam em paz. (Dália)

Outra questão apontada foi a ausência de recursos didáticos, o que torna ainda mais difícil, doloroso e limitado o trabalho das professoras. Segundo elas, a ausência desses recursos e burocracia para adquiri-los dificulta a realização do trabalho conforme o planejado, causando certa angústia e desconforto.

[...] às vezes eu vejo nem é culpa dos gestores em si, mas daquele que está numa hierarquia mais alta e que realmente só cobra. É como esses dias eu estava conversando com o meu marido. A burocracia da escola é tão grande que para você comprar coisas para a escola, material de limpeza, algum material eletrônico, é tanta licitação, é tanto vai e vem. Pra qualquer político é muito simples desviar um dinheiro. Um volume muito maior do que o da escola. Então para a escola e pra saúde é minguido e numa burocracia que poderia fluir com mais facilidade. (Dália)

Durante a entrevista, Gardênia deixa clara a sua frustração quando não consegue concluir o que planejou. Quando indagada sobre o que menos gosta em sua profissão ela afirma que é quando alguém a impede de fazer o que quer:

Quando eu tenho um projeto pra desenvolver e que alguém me poda, que chega um diretor que diz assim a não vai dar certo ou não tem material. Não interessa se tem material ou não, para o professor quando ele quer - o professor em exercício - quando ele quer fazer alguma coisa, eu vejo que o diretor e o coordenador, ele não pode podar o professor no exercício da função. (Gardênia)

As professoras mencionaram que a indisciplina dos alunos é um fator de grande estresse e, conseqüentemente, ao adoecimento. Afirmaram que indisciplina torna as aulas mais cansativas e estressantes, pois o professor precisa elevar o tom de voz, o que incomoda os alunos que buscam apreender o que está sendo trabalhando pelo professor e gera um desgaste físico e emocional significativo ao professor.

[...] parece assim que os meninos, os alunos já vêm selecionados. E minha turma é bem elétrica e eu preciso gritar muito porque senão o que está lá atrás não ouve. Eles acham de falar tudo ao mesmo tempo. Então no momento é um desgaste muito grande. (Gardênia)

A semana passada mesmo comentava com uma colega e ela falava meu Deus do céu. Aquele respeito com o professor, os alunos agora falam o que vem à boca, sem pensar se vai atingir ou não (...) o professor. Agora esse, o comportamento de modo geral dos alunos na questão de indisciplina, na falta de interesse na falta de educação isso está me deixando muito aborrecida. (Rosa)

O desrespeito presente na interação professor-aluno, segundo a professora Dália, também está presente nas salas de aula o tempo todo. Muitos alunos ignoram completamente a presença dos professores na sala e fazem uso de expressão pornográfica, quando chamados atenção fazem chacotas com o professor; gritam na

sala de aula; chutam a porta, escutam mp3 com o celular e não levam em consideração o trabalho realizado pelas professoras. A sensação de aniquilamento causa grande perplexidade e sentimento de impotência nos professores:

Nos dias de hoje, os alunos veem a escola como ponto de encontro. Eles levam suas caixinhas de som e se acomodam nas salas de aula ou no pátio da escola para ouvir suas músicas prediletas. Quando chamados atenção lhe ignoram e desafiam as regras da escola. As discussões entre colegas é outro fator que atrapalha as aulas. O professor não sabe se dar aula ou se separa brigas. Está muito difícil. (Violeta)

Eu sinto falta que antigamente os alunos cumprimentavam a gente “oi professora” na rua hoje vira a cara e não quer nem olhar para sua cara e dentro da sala do ensino médio em pleno terceiro ano. Eu to dando aula de física e eu vejo batendo papo, conversando sobre namorado(a), conversando sobre festa de não sei o que e música. E coloca o mp3 do celular no ouvido e a gente tenta chamar a atenção não só eu como os demais professores, mas parece que a gente não tá sendo ouvida(o) não. É como se os adolescentes não estivessem nem aí e isso me incomoda. É o que eu sempre falo pra eles: eu não reclamo do salário que recebo por que formei sabendo como era, mas reclamo do interesse que esta terrível. (Dália)

Para as professoras, o desrespeito e a falta de empenho dos alunos na escola são fruto de uma educação desprovida da esperança de mudança social, ocasionada pela educação e da ausência e acompanhamento dos pais. Para alguns essa ausência pode ser fruto da falta de tempo ou mesmo de escolaridade insuficiente para orientar os filhos durante suas tarefas escolares. Para outros, a família tem transferido à escola a tarefa de educar seus filhos.

Eu tenho alunos no ensino médio que falam “ Professora, que sonho é esse? Eu na faculdade? Isso não existe, ninguém na minha casa é assim”. E eu sempre falo para eles não isso não tem nada a ver. A gente faz o futuro da gente. E falei para eles: “Olha, eu tenho mais três irmãos. Para minha mãe não foi nada fácil nos colocar na faculdade principalmente porque eu e muitas colegas minhas nós estudamos o Magistério. Não tínhamos a metade do que vocês viram e no entanto nós fizemos faculdade pública. E é do jeito que foi, era um sonho que pra mim se tornou realidade, pra você também pode se tornar realidade. (Dália)

Esteve (1999), ao abordar o processo de adoecimento dos professores, em seu livro *O mal-estar docente*, expõe tal situação de forma clara ao afirmar que:

Há somente alguns anos, os pais esforçavam-se para ensinar a seus filhos o sentido da disciplina, a cortesia e o respeito, e não só não permitiam a seus filhos o menor enfrentamento com o professor como, além disso, muitos deles intervinham pessoalmente para explicitar ao professor, diante dos próprios filhos, o apoio que lhes ofereciam cegamente perante o menor conflito. No momento atual, muitos professores se queixam de que os pais não só despreocupam-se de infundir em seus filhos valores mínimos, convictos de que essa é uma obrigação que só cabe aos professores, como também estão de antemão dispostos a culpar os professores, colocando-se ao lado da criança, com o último alibi de que, no final das contas, se o filho é um mal-educado a culpa é do professor que não soube educa-lo (ESTEVE, 1999, p. 33).

Aliados aos problemas de indisciplina e desinteresse pelos estudos, estão as dificuldades ocasionadas pela superlotação nas salas de aula. Segundo as entrevistadas, o elevado número de alunos em uma sala de aula dificulta o trabalho, pois como já foi dito anteriormente interfere na dinâmica do desenvolvimento do trabalho e a qualidade da atenção “dada” aos alunos, comprometendo o processo de ensino-aprendizagem e a saúde do professor.

Eu tenho oito turmas, cada turma no mínimo 35. Tem turma 35, 36, 37 e até 40 alunos. Ou seja, você vai multiplicar aí dá mis de trezentas provas para corrigir. Então na semana de provas, quando tem as provas para corrigir eu já fico preocupada porque ataca. É corrigir as provas incha. (Aponta para o braço e diz) Incha aqui, aqui aí eu tenho que tá fazendo massagem em casa para ver se melhora. E vai levando. (Rosa)

Eu não sou de gritar (...). Antes a gente trabalhava assim, com 25-30 alunos. Hoje em dia, eu mesmo na minha sala de aula tenho 35 alunos e 36 aluno. E parece assim que os meninos, os alunos de já vem selecionados. E minha turma é bem elétrica e eu preciso gritar muito porque senão o que está lá atrás não ouve. Eles acham de falar tudo ao mesmo tempo. Então no momento é um desgaste muito grande. (Gardênia)



Outro aspecto citado pelas professoras é a desvalorização do profissional docente, pois se o aluno vai bem, tem boas notas é porque é um aluno, se vai mal a culpa é do professor que é incompetente. Segundo Esteve (1999, p.34):

De fato, a valorização do trabalho efetivo do professor em seu local de trabalho só se dá em sentido negativo. Se um professor faz um trabalho de qualidade dedicando-lhe maior número de horas além das que configuram sua jornada de trabalho, poucas vezes se valoriza esse esforço suplementar; não obstante, quando o ensino fracassa (...) por um acúmulo de circunstâncias ante as quais o professor não pode operar com êxito, o fracasso se personaliza imediatamente, fazendo-o responsável direto com todas as consequências

Além da desvalorização por parte dos pais dos alunos, as professoras sentem-se desvalorizadas pelos gestores da educação do município, pois em muitos casos, embora tenham sido informados dos seus problemas de saúde, não demonstraram preocupação. Algumas professoras continuam exercendo a docência com um quadro de adoecimento confirmado pelo médico e outras, apelaram para instâncias maiores para que pudessem cuidar um pouco da sua saúde.

Eu achei que foi muito mais fácil falar com a diretora do Estado do que com o diretor do município. Não que ele não tenha demonstrado preocupação, porque quando eu falei pra ele como eu estava, ele ainda falou assim – o bom para você era que você ficasse em uma biblioteca ou então em um lugar na escola, e não necessariamente você fosse dar aula ou escrever muito. O ideal seria esse. Ele disse. Mas eu vejo que não é uma decisão dele enquanto diretor ou de uma das vice-diretoras, mas isso tem que vim da secretaria de educação né. (Dália)

Nós educadores precisamos ser mais respeitados, mais valorizados. E quando a gente fala em valorização muita gente pensa só no dinheiro e não é só o dinheiro que valoriza um ser. O que valoriza um ser é o respeito e nós não estamos sendo respeitados de forma alguma por parte de algumas pessoas que estão envolvidas diretamente na educação. (Gardênia)

Segundo as professoras entrevistadas, tal situação lhes causa angústia e profunda insatisfação, ao notarem que, apesar dos esforços, não há reconhecimento de seu trabalho.

## INTERFERÊNCIA DOS PROBLEMAS DE SAÚDE NO COTIDIANO DO PROFESSOR

Nos estudos sobre a profissão docente, há um consenso de que ensinar é uma ocupação altamente estressante, com repercussões evidentes na saúde física e mental, e no desempenho profissional dos professores. No entanto, os problemas gerados pela profissão docente não se manifestam apenas nas salas de aula, eles ultrapassam suas paredes e adentram nos lares dos professores, afetando suas relações com familiares e amigos.

Durante a realização das entrevistas foi possível perceber claramente esse fato. Algumas professoras relataram, que a atual conjuntura em que se encontram, tem afetado ou afetou sua vida pessoal, pois ao chegarem em casa estressadas, cansadas e nervosas descontam em seus filhos e companheiros o desgaste adquirido.

Eu já sou privada de algumas coisa por contas dos problemas de saúde e ser privada de mais uma. Eu fico assim, às vezes nervosa coma minha família, meu marido, meu filho eles não merecem isso. Às vezes eu fico nervosa, mas não é com eles. (Gardênia)

Para Acácia, os conflitos dentro do seu local de trabalho têm afetado, além de sua saúde física, a sua relação com seus familiares, pois segundo ela quando chega “da escola quem tem que aturar seu mau humor, as doenças, as queixas, toda hora queixando são os seus filhos”. Na escola, os problemas de saúde se refletem em uma mudança de postura de algumas professoras. Embora Acácia, afirme manter o mesmo relacionamento com os colegas na escola, em sua fala fica evidente o “rancor” e “decepção” em relação à direção e coordenação da escola onde atua. Ela afirma que quando ela está na escola, momentos em que ela fica bem é quando está na sala de aula com os alunos. Quando chega à sala dos professores, despeja todo seu mau humor.

Faço o possível para não afetar a classe, ou seja, as classes, porque eu trabalho vespertino e matutino. Então dentro da classe eu não deixo que prejudique de jeito nenhum porque eu gosto muito de estar lá com os meninos. Agora quando ta junto professores e pessoal secretaria aí agora tudo que eu tenho pra colocar sobre isso é colocado. (Acácia)

Para Dália foi necessário realizar algumas mudanças em sua vida profissional, em decorrência deste processo de adoecimento e, o apoio da direção das escolas onde trabalha foi muito importante, pois sua distribuição de sua carga horária precisou de adequações para que ela pudesse realizar fisioterapia semanalmente. Segundo Dália, em uma das escolas sua solicitação foi aceita e houve todo um empenho por parte da direção da escola; na outra escola, ela foi informada de que nada poderia ser feito, que ela poderia ocupar outra função, mas nada de concreto foi feito.

Na escola do Estado eu montei meu horário e pedi a diretora e ela aprovou porque o ano passado quando eu pedi licença eles ficaram uma unidade sem professor. O estado não mandou outro professor e aí os alunos que perderam... Ficaram uma unidade sem professor de física à tarde. Então esse ano eu falei... Você poderia fazer meu horário de acordo a minha necessidade para que eu possa fazer fisioterapia em Conquista e trabalhar o ano todo? Ela disse: faça o seu horário do jeito que você tiver a disponibilidade e depois a gente vê como é que fica o dos outros professores. (...) No município, não porque nunca pode. Não sei se é por causa da quantidade de professores, o porquê, eu sei que nunca pode mexer da maneira que você precisa. (Dália)

Para Rosa, quando o professor assume seu adoecimento e busca se afastar um pouco da atividade docente sofre certo preconceito por parte de colegas e até mesmo por familiares.

Você sofre preconceito. Sabia? Sofre. Porque as pessoas ficam pensando que é moleza, que é preguiça que é porque você não quer fazer. No primeiro momento tiveram duas pessoas. Meu irmão na época ficava brincando comigo – isso é dengo, é preguiça – aí ele sentiu um problema, uma dor. Na época ele disse que doeu tanto que ele chorou de dor e ele voltou para mim e disse ô Rosa agora eu sei o que realmente você sentiu. Meu marido também, que na época era meu noivo, ele sentiu uma dor no braço forte mesmo. Aí ele falou agora to sabendo o que é. Então eu falei, infelizmente quando a gente fala que está com um problema no braço, te doendo meu braço, só sabe o que é quem já sentiu. É às vezes você percebe alguns assim não todos não, mas alguns falam: será, será que tá sentindo mesmo? Aquele olhar de dúvida. (Rosa)

Diante do exposto, observamos que admitir um problema de saúde ocupacional não é fácil. O profissional que se encontra nessa situação sofre preconceito, pressão por parte dos gestores da educação e precisam buscar certa estabilidade emocional para que possam procurar um tratamento e dar continuidade à carreira docente.

## AS RELAÇÕES COM A ESCOLA, OS COLEGAS E O ADOECIMENTO

As relações humanas são, por natureza, conflituosas e dentro do ambiente escolar elas se revelam de forma intensa tanto na relação professor-aluno como nas relações entre professores-professores, e professores e gestores. Para Acácia, o fator que mais tem contribuído para o seu adoecimento, na sua percepção, foram as mudanças de pessoal ocorridas no início do ano letivo. Vejamos seu relato:

Desde as mudanças escolares que foi mais ou menos em abril. De lá pra cá eu já sou portadora de diabetes e de pressão arterial alta. Aí vai só acumulando: as raivas, as coisas que a gente passa na escola vai só acumulando e vem os outros problemas. (Acácia)

Para Bastos (2009), o trabalho pode tornar-se uma fonte de ameaça à integridade física e psíquica na medida em que seja desprovido de significados. Nesse caso, causa intenso sofrimento ao professor. Tal situação tem se mostrado real no caso de Acácia, pois de acordo com seu relato os seus problemas de saúde se agravam quando precisa ir para a escola:

[...] quando eu não tenho que ir à escola eu estou bem. Minha pressão fica dentro de uma normalidade. Quando penso que no dia seguinte tenho que ir para a escola já me preocupo. Se eu pudesse não iria mais à escola. (...) E eu não era assim, sempre gostei do meu trabalho, mas este ano gostaria de não voltar mais. (Acácia)

Durante a entrevista algumas professoras relataram o descaso e a insensibilidade diante dos problemas por elas apresentados, expostos. Elas afirmaram ainda que essa reação se dá por conta da falta de autonomia dos que ocupam cargos como direção e coordenação. Para Acácia, esse é um fator determinante para o

agravamento dos seus problemas de saúde. Ela atribui toda a responsabilidade à gestão escolar e argumenta que:

[...] hoje as direções olhar mais para o professor. Nós sabemos que antigamente agente trabalhava com amor em todos os aspectos escolares e hoje não só tem mesmo o amor do professor porque da direção escolar para com os professores as vezes nem compreensão tem então assim que os diretores o pessoal de secretaria nos desse mais o que mais um calor humano pras coisas ocorrerem melhor.

Os sentimentos de angústia e rancor demonstrados por Acácia ao longo da entrevista parecem se amenizar quando ela fala sobre a possível aposentadoria daqui a alguns anos e a mudança do quadro na direção e coordenação no final do ano letivo. Dália relata a maneira como os gestores da escola receberam a notícia do seu adoecimento. Em uma escola ela foi ouvida e suas “necessidades foram atendidas”; na outra embora o diretor tenha demonstrado preocupação, muito pouco foi feito para amenizar os problemas decorrentes do seu adoecimento.

Na escola do Estado eu montei meu horário e pedi a diretora e ela aprovou porque o ano passado quando eu pedi licença eles ficaram uma unidade sem professor. O estado não mandou outro professor e aí os alunos que perderam... Ficaram uma unidade sem professor de física à tarde. Então esse ano eu falei... Você poderia fazer meu horário de acordo a minha necessidade para que eu possa fazer fisioterapia em Conquista e trabalhar o ano todo? Ela disse: faça o seu horário do jeito que você tiver a disponibilidade e depois a gente vê como é que fica o dos outros professores. (...) No município, não porque nunca pode. Não sei se é por causa da quantidade de professores, o porquê, eu sei que nunca pode mexer da maneira que você precisa. (Dália)

No que diz respeito aos colegas que atuam em sala de aula, elas afirmaram que muitos reagiram com solidariedade e outros com indiferença. Para Dália os colegas mais novos não dão muita importância face ao adoecimento docente.

É interessante porque alguns colegas, aqueles que passam por algum problema, esses compreendem. Mas como o problema é de coluna e você não morre por isso, (...) e por eu não lamentar o tempo todo (...) até mesmo na minha casa, o povo achava que não, que o meu problema era uma coisinha pouca, que eu tava fazendo doce, mas depois que eu tirei a licença, por exemplo, na minha casa, a reação já foi outra. Tanto é que meu marido sempre me levou à Conquista, tanto de manhã como a tarde ele fechava o estabelecimento dele para mim levar em Conquista, para eu fazer a fisioterapia, porque ele viu que realmente eu não estava aguentando. Alguns colegas, aqueles que trabalham com você há mais tempo, esses sim se preocupam, mas eu vejo muito no CEBC, que hoje tem muita cara nova, e eles não ligam muito para você. (...) E eu vejo isso muito ruim, porque você não tem amizade. No Estado eu tenho colegas há mais tempo, então eu vejo eles sempre perguntavam por mim. Me encontravam na rua e perguntavam e aí quando volta, os alunos estão reclamando. Os alunos também perguntavam, não todos, mas alguns, ô professora quando a senhora volta, a gente tá até com saudade dos seus “xingas” e tudo, né, e brincando comigo. E eu vejo que alguns colegas, aqueles que você conviveu há mais tempo, tem mais tempo de serviço com, esses se preocupam (...), os outros tanto faz. (Dália)

Algumas professoras afirmaram que alteraram sua relação com os colegas de trabalho e com a direção da escola por conta da maneira como receberam e trataram seu adoecimento. Outros preferem não comentar com os colegas, para evitar comentários.

Eu me fecho no meu mundo, quando é o momento do intervalo, eu prefiro ficar na sala com meus alunos. me sinto mais segura. a escola virou uma espaço de disputas pelos cargos e muitos acham que todos são assim. eu não suporto mais a hipocrisia de algumas pessoas. (Violeta)

É mister salientar que as professoras demonstraram preocupação com o trabalho desenvolvido em sala de aula e cuidado para com os alunos, esforçando-se para que o seu adoecimento não afete a relação professor-aluno. Segundo Gardênia, ela busca ser honesta com seus alunos, explicando a eles sua real condição de saúde. “Só que eu peço compreensão dos meus alunos, jê expliquei meu problema, já conversei com os pais deles” afirmou. Para ela, a conversa favorece a relação com os alunos e cria um laço de confiança e respeito. Tal ideia corrobora com Soratto e Ramos (2006, p. 274), quando afirmam que “boas relações sociais no trabalho são importantes para qualquer tipo de trabalho em que convivam duas ou mais pessoas no mesmo ambiente”.

## EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS E ADOECIMENTO

Esperança e desesperança, dedicação e momentos de abandono, desejo de chegar até os alunos e cortes na comunicação, voluntarismo e incapacidade para manter o espaço são sentimentos expressos pelas professoras no decorrer da entrevista. Alguns depoimentos nos levam a refletir sobre a atual situação dos docentes no município, pois apontam para uma desistência da docência. Para alguns, a saída da escola seria a solução para seus problemas.

[...] as minhas perspectivas infelizmente não são boas. Para piorar, por conta dessa situação toda aí, do descaso da maioria dos alunos, do desinteresse que eu falei inicialmente e também pelo meu lado, o problema de saúde (...) se eu pudesse, se fosse possível falar eu só trabalho esse ano na educação o ano que vem eu sairia tranquilamente, sem pesar nenhum. Infelizmente. É triste um professor há treze anos na sala de aula dizer isso, mas eu sairia tranquilamente. Deixaria. (Rosa)

Para Acácia a esperança de mudanças das condições de trabalho oferecidas a ela e a proximidade de sua aposentadoria num futuro próximo confortam.

Com fé em Deus, estou prevendo para ano que vem pegar salas com menor número de alunos. E se eu já faço um trabalho assim, que eu quero o ano que vem com fé em Deus, não vou dar motivo nenhum pra afastar da escola, pra dar atestados com fé em Jesus isso não vai acontecer. E daqui a alguns anos estarei me aposentando. Estou sonhando com esse dia. (Acácia)

Gardênia afirma que é muito difícil se afastar do seu trabalho na área de educação, pois investiu muito em sua formação para conquistar um salário um pouco melhor e garantir uma aposentadoria mais tranquila. Para evitar um possível afastamento, pensa em concorrer à direção de uma escola na sede do município.

Diante da situação (risos), eu recebi proposta para me candidatar à direção. Meu planejamento era para daqui a dois anos, mas diante da situação eu vou pensar direitinho na proposta. (...) Assim eu recebi a proposta e vou pensar no caso. Quer dizer, pra mim, eu gosto. Já fui diretora uma vez e gostei demais, gostei muito mesmo e aí é uma proposta assim, como eu falar menos vou me reservar um pouco, mas em compensação vou trabalhar mais e vou estar na escola. Mas eu não me preocupo com trabalho não eu me preocupo com a minha saúde. (Gardênia)

O desencanto pela profissão docente tem contribuído de forma extremamente negativa na vida de Violeta, pois durante a entrevista ela deixou claro que no momento só está na escola e não abandonou seu trabalho por pressão da família. Eis as palavras dela:

Só me sinto bem quando não estou aqui. Não quero mais fazer parte dessa farsa que se tornou a educação. Nós professores fazemos de conta que damos aula, nossos alunos fazem de conta que estudam e os pais fazem de conta que estão satisfeitos. Nessa história só quem está satisfeito são os gestores que trabalham com pessoas que se deixam conduzir e ludibriar com facilidade. (Violeta)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises efetuadas possibilitam compreender as condições de trabalho, aqui entendidas como “as circunstâncias sob as quais os docentes mobilizam as suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas para atingir os objetivos da produção escolar” (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005, p. 192) em que se encontram as docentes investigadas. É importante ressaltar que durante o desenvolvimento da pesquisa constatamos que muitos professores continuam lecionando mesmo com sérios problemas de saúde. Dentre os principais motivos para isso estão: a) o fato de não terem conseguido a licença para tratamento médico e b) esse afastamento acarretaria sérios prejuízos financeiros para esses profissionais.

Verificamos que a saída para evitar um afastamento prolongado do trabalho e com impacto direto no salário é o uso dos atestados médicos. A média anual é de 250 atestados entregues ao Departamento de Pessoal da SEMED. Esses atestados são de no máximo 15 dias. Tal situação vem caracterizar o absenteísmo

que Esteve (1999, p.63) pontua como “uma forma de buscar um alívio que permita ao professor escapar momentaneamente das tensões acumuladas em seu trabalho”.

Constatamos, por meio das entrevistas, que as docentes tiveram seus problemas de saúde desencadeados pelo exercício da profissão, ocasionando, inclusive, o surgimento de novas enfermidades. Problemas que envolvem a voz, o uso dos membros superiores, e o estresse fazem parte da realidade dos professores da rede pública municipal investigada. No que se refere aos transtornos relacionados ao uso da voz, os sintomas apresentados são: sensação de falta de ar; tosse; rouquidão; ardência; dores na garganta ao engolir algo; esforço excessivo para falar e até mesmo perda momentânea da voz.

Vale ressaltar que os problemas de voz e o uso abusivo por parte das professoras possivelmente estão associados às condições de trabalho a elas apresentadas: elevado número de alunos por turma; poeira nas salas; falta de acústica; e os altos índices de poluição sonora frequentes no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, A.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. *Educação e Sociedade*, vol. 30, n. 107, p.349-372, 2009.
- BASTOS, J. A. Q. R. O mal-estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim/MG. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC/MG, Belo Horizonte, 2009.
- BRASIL. IPEA. Jornada de trabalho parcial no Brasil. Brasília: IPEA, 2016.
- CAMPOS, M.C.A. O afastamento da sala de aula e o percurso profissional de professores de uma escola da rede estadual de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC/MG, Belo Horizonte, 2009.
- CARLOTTO, M. S.; PIZZINATO, A. Avaliação e interpretação do mal-estar docente: um estudo qualitativo sobre a Síndrome de Burnout. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, vol.13, n.01, p. 195-220, 2013.
- CRUZ, R. M.et al. Saúde docente, condições e carga de trabalho. *Revista Electrónica de Investigación y Docência*, n.4, vol.01, p. 147-160, 2010.
- ESTEVE, J. M. Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: Edusc, 1999.
- GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*, vol.31, n.02, p. 189-199, 2005.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- SANCHES, A. P. R.; GAMA, R. P. O mal-estar docente no contexto escolar: um olhar para a produção acadêmica brasileira. *Laplage em Revista*, vol.2, n. 3, p.149-162, 2016.
- SILVA, A. F. Políticas de accountability na educação básica brasileira: um estudo do pagamento de docentes por desempenho. *RBPAE*, vol.32, n.2, p. 509-526, 2016.
- SORATTO, L.; RAMOS, F. Burnout e relações sociais no trabalho. In: CODO, W. (Coord). *Educação: carinho e trabalho- burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Petrópolis: Vozes/ Brasília: CNTE, 2006.
- SOUZA, A. N.; LEITE, M. P. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. *Educação e Sociedade*, v.32, n.117, p.1105-1121, 2011.
- TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- VIANELLO, L.; ASSUNÇÃO, A.; GAMA, A.C.C. Estratégias implementadas para enfrentar as exigências vocais da sala de aula: o caso das professoras readaptadas por disfonia. *Revista Distúrbios da Comunicação Humana*, v.20, n.2, p.163-170, 2008.

## LIGAÇÃO ALTERNATIVE

<http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/download/325/493> (pdf)

#### ARTIGO RELACIONADO

[Artigo corrigido , vol. 3 (2), 179-194] <http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/325/493>